JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016 ›

# Medalhistas do Brasil compõem panteão da diversidade nacional

## Atletas que subiram ao pódio são descendentes de africanos, chineses, alemães, indígenas, entre outros

**CAMILA MORAES** | **CARLA JIMÉNEZ**

**São Paulo** - 22 AGO 2016 - 16:37 CEST

O pódio brasileiro da Olimpíada Rio 2016 mostrou bem mais do que os melhores atletas do planeta em 12 categorias de esporte. Os 19 medalhistas brasileiros ofereceram também um retrato do Brasil e de sua diversidade cultural. A história da imigração do país continental transita pelo rosto de Rafaela Silva, Arthur Nory, Isaquías Queiroz, Thiago Braz, Martine Grael, Poliana Okimoto e todos os atletas que chegaram ao pódio desta Olimpíada verde e amarela. Alguns, inclusive, poderiam ser confundidos com titulares de outras nacionalidades pela fisionomia e pelo sobrenome.

**MAIS INFORMAÇÕES**

Os medalhistas brasileiros da Rio 2016

Brasil cura obsessão do ouro no futebol

Caso de Felipe Wu, primeira medalha conquistada no início das competições, no dia 6. Wu é neto de chineses. Garantiu a primeira prata do quadro de medalhas do Brasil, e curiosamente, dividiu o pódio com outros dois jovens de olhos rasgados: Xuan Vinh Hoang, do Vietnã, que alcançou o ouro, e

Isaquias Queiroz, o menino de três pulmões

Thiago Braz, catapultado para o panteão do atletismo brasileiro

Ouro na veia: a conquista de Martine Grael e Kahena Kunze na vela

As duas quedas que não derrubaram Diego Hypólito

o chinês Pei Wong, que ficou com o bronze. Wu só poderia ser reconhecido como brasileiro pelo seu agasalho amarelo.

Outro brasileiro de ascendência asiática a entrar para a história da Rio 2016 é Arthur Nory Oyakawa Mariano, bronze na ginástica artística. Caçula de quatro filhos, o descendente de japoneses começou a treinar aos 10 anos, influenciado pelo sucesso da ginasta Dayanne dos Santos. Poliana Okimoto, a descendente de mineiros e japoneses que faturou o bronze na maratona aquática, completa a trinca de sobrenomes orientais. Nascida em São Paulo, Poliana integra a seleção brasileira de natação há 20 anos. O Brasil abriga 2 milhões de descendentes asiáticos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Enquanto os ascendentes de Wu chegaram há dois séculos, os imigrantes japoneses começaram a fincar raízes no Brasil no início do século 20.

Mas a diversidade nacional transita também por descendentes de outras culturas, caso de Rafaela Silva, o primeiro ouro desta olimpíada. A judoca criada na Cidade de Deus, uma das favelas mais emblemáticas do Rio de Janeiro, é negra, assim como 53% da população brasileira, cujas raízes remontam a ligação do Brasil com a África, berço dos escravos que fizeram a história colonial do país. Rafaela carrega o sobrenome Silva, de origem portuguesa, comum a pelo menos 10% da população brasileira, incluindo o falecido piloto Ayrton Senna da Silva, Marina Silva, Lula da Silva, entre outros.

**Brasileiros somos todos, com misturas e sem receita. E todos temos lugar no pódio.**

Thiago Braz, medalha de ouro no salto com vara nesta olimpíada, também é Silva. O jovem de 22 anos, criado pelos avós em Marília (SP), entrou para o panteão do atletismo estabelecendo um novo recorde olímpico ao fazer um salto de 6,03 metros.

O ouro brasileiro, em todo caso, passa por várias árvores genealógicas. Basta olhar para as meninas da vela, Martine Grael e Kahena Kunze, loiras descendentes de europeus. Martine é filha de Torben Grael, maior medalhista olímpico do país com cinco pódios, e sobrinha de Lars Grael, que conseguiu dois bronzes em Jogos. Segundo ela conta, o tio, que sofreu um acidente em 1998 e perdeu a perna, foi a maior inspiração para a atleta, que levou à família a oitava medalha olímpica. Grael vem de uma família descendente de dinamarqueses. Já Kahena, filha do velejador campeão mundial Cláudio Kunze, tem sangue alemão correndo nas veias.

Isaquias Queiroz, o canoísta que se tornou o primeiro atleta da história a ganhar três medalhas (duas pratas e um bronze) em Jogos Olímpicos pelo Brasil, carrega sangue indígena, representando os primeiros habitantes do Brasil, além do negro. Cresceu com mais cinco irmãos em Ubaitaba, no sul da Bahia, terra das canoas (como entrega o nome da cidade, de origem tupi-guarani) e do arrocha.

Nos esportes coletivos, o vôlei e o futebol revelam outras matizes do Brasil. O goleiro Weverton, herói da seleção brasileira de futebol que defendeu um gol decisivo da disputa por pênaltis na final com a Alemanha, celebrou a medalha de ouro enrolado na bandeira do Estado do Acre. Chamado às pressas para assumir a vaga do titular Fernando Prass, que sofreu uma lesão no cotovelo, e foi cortado da seleção a poucos dias das competições.

Mas, nem sempre o RG dos atletas são o retrato fiel da cultura nacional. No vôlei, por exemplo, o ponteiro Ricardo Lucarelli Santos de Souza, nascido em Contagem, no Estado de Minas Gerais, tem um sobrenome italiano muito embora não tenha ascendência na terra de Michelangelo. Lucarellli foi um sobrenome que o pai dele decidiu repassar para o filho, 'emprestado' de um pintor com esse sobrenome, segundo reportagem do *Globo Esporte*. O pai do jogador gostou da sonoridade italiana e decidiu adotá-lo para seu filho. Num país onde a comunidade italiana tem grande influência, o jogador se confunde facilmente com a população miscigenada que compõe o país.

---

**ARQUIVADO EM:**

Medalhas olímpicas · Canoagem Velocidade · Judo · Olimpíadas Rio 2016 · Medalhas esportivas · Rio de Janeiro · Canoagem · Natação · Ginástica artística · Taekwondo · Classificação esportiva

**CONTEÚDO PATROCINADO**

**VEJA TAMBÉM...**

**Os estranhos hematomas redondos de Michael Phelps**

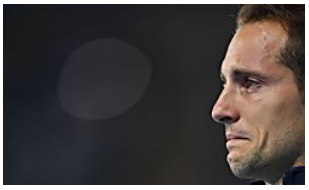
(EL PAÍS)

**Simone Biles revoluciona a Olimpíada**

(EL PAÍS)

**Duras críticas nos EUA a Ryan Lochte e aos nadadores norte-**

(EL PAÍS)



**Segunda vaia brasileira ao francês Lavillenie doeu tanto**

(EL PAÍS)

Recomendado por

© **EDICIONES EL PAÍS, S.L.**

Contato | Venda | Publicidade | Aviso legal | Política cookies | Mapa | EL PAÍS no KIOSKOyMÁS | Índice | RSS |